

Nós também dizemos: A pequena burguesia existe. Sua parte mais pobre marcha para nós. Apenas a pequena burguesia na Rússia era o camponês e no Brasil é o revoltoso de 1922 e 1924, proletarizado e radicalizado.

Marx, na "Circular do Comitê Central", de março de 1850, preconizava: criar um partido da classe operária, que tenha organização legal e ilegal, e lute contra a influência democrática pequeno-burguesa — o que realizamos no Brasil; *considerar a vitória da pequena burguesia democrática, para a qual os operários contribuirão, como um período necessário da luta revolucionária da classe operária*; formar paralelamente ao governo democrático pequeno-burguês, logo que este se estabeleça, comitês operários que minem sua autoridade e levem a situação à sua finalidade extrema; e armar o proletariado e formar unidades operárias que conduzam a luta à sua conclusão comunista. (Ver pág. 93, de "Carlos Marx y la Internacional", Madrid, 1923).

Lênine, à página 14 do "Que faire?", Paris, 1925, declara:

"Só podem temer alianças temporárias, mesmo com elementos incertos, aqueles que não têm confiança em si próprios."

O C.C. e o C.C.C. do PC russo, numa resolução publicada na "Correspondance Internationale", a 20 de agosto do ano passado, dizem: "a linha leninista que a IC tem aplicado considera necessário um acordo com a burguesia dos países coloniais e semi-coloniais mas somente em etapas determinadas do desenvolvimento e em condições inteiramente determinadas". E citam Lênine:

"Qual a idéia mais importante, a idéia principal de nossas teses? A diferença entre os países oprimidos e os opressores." "É preciso que a IC conclua acordos provisórios, mesmo alianças com a democracia burguesa das colônias e dos países atrasados; entretanto não deve fundir-se com esta e sim, pelo contrário, manter absolutamente a independência do movimento proletário, mesmo, em uma forma mais primitiva."

Baseando-se em tudo isto, achamos que a aliança em questão, do proletariado com a pequena burguesia revoltosa do Brasil, é rigorosamente marxista-leninista. — O.B.

## A QUESTÃO SINDICAL (1926)

J. Barbosa

Um dos problemas de máxima importância para a classe trabalhadora é, indubitavelmente, o da sua unificação sindical.

Com efeito, quem de boa-fé ousará afirmar que no momento atual poderá a classe trabalhadora reivindicar qualquer melhoria sem primeiramente realizar a mais centralizada e a mais conscientemente disciplinada mobilização das suas forças? Ninguém. Exceto os capitalistas interessados na desorganização do proletariado e os seus lacaios: os que se colocam direta e conscientemente ao serviço da burguesia imperialista, como os fascistas e os "socialistas" de todos os matizes, e os que trabalham inconscientemente para a burguesia, os anarquistas de todas as seitas.

Uns e outros, embora sob postulados diferentes, realizam a mais completa comunhão de esforços no sentido de manter a classe trabalhadora o mais dividida possível.

Para provarmos o que afirmamos não precisaremos distrair o olhar para qualquer dos países onde a questão da unidade sindical tem sido ventilada. Não falaremos na França, na Espanha, na Inglaterra, na Polônia etc., onde o reformismo tem realizado verdadeiros prodígios de sofismas e traições, para dificultar o

progresso da grande obra de unidade sindical internacional há muito pleiteada (e, felizmente, já em bom andamento) pela Internacional Sindical Vermelha; nem falaremos na situação do proletariado alemão, garroteado pela social democracia, tornada sentinela avançada do capitalismo, ou nos laçaios do imperialismo yankee, à testa da Federação Americana do Trabalho, a oporem toda sorte de obstáculos a todo e qualquer empreendimento que tenda a fortalecer o proletariado na sua luta contra a burguesia.

Basta que nos limitemos a examinar o que neste sentido tem passado em nosso meio.

### UM OLHAR RETROSPECTIVO

Sob o influxo da revolução russa, a classe trabalhadora foi impulsionada pela vontade da realização imediata de velhas aspirações por muito tempo abafadas pela reação.

A guerra, se por um lado constituiu o período em que com maior facilidade pôde a burguesia, com o apoio direto do reformismo internacional (e também com o apoio de alguns anarquistas, haja vista o famoso manifesto de adesão à guerra, assinado pelas figuras de maior responsabilidade do anarquismo internacional), afastar a classe operária da rota das suas reivindicações, conduzindo os trabalhadores em massa aos campos de batalha. Foi a guerra, por outro lado, o motivo imediato da tensão revolucionária que lavrou no seio do proletariado, ameaçando a estabilidade do regime capitalista, devido não somente ao estado de infinita penúria a que foi atirada a classe operária, como também pela fé desta última na sua potência da classe aguçada pela vitória do proletariado russo.

Somos testemunhas de que no período de 1919 a 1920, massas enormes de proletários afluíram aos sindicatos, dominadas pela mais evidente vontade de trabalhar pelos interesses de classe.

E de fato não se pode negar que várias conquistas foram realizadas, não obstante os nossos sindicatos não estarem estruturalmente preparados para comportar massas tão volumosas. Criados na sua maior parte pelos anarquistas, que os dirigiam consoante os velhos preconceitos libertários, era natural que passando o primeiro momento de efervescência, sobrevindo a dispersão, não

pudessem os sindicatos manter uma relativa coesão, dada a deficiência de seus métodos e o espírito dogmático de seus programas.

Aquelas massas sem uma direção firme e inteligente que as conduzisse na peleja, bem depressa foram dispersando, e em princípios de 1921 bem dolorosa era a situação dos nossos sindicatos.

A reação não se fez esperar, servindo de epílogo àquela página da nossa história sindical.

### 1.ª TENTATIVA DE RESSURGIMENTO

Passada a borrasca, um grupo de sobreviventes (porque os militantes que escaparam à fúria da reação, muitos foram os que se "afastaram") convencidos de que não é fugindo à luta que se vence o inimigo, pôs-se em movimento promovendo a crítica da velha ideologia libertária, então imperante fazendo, portanto, uma revisão dos métodos anacrônicos até então usados.

Surgiu, nesta altura, o Partido Comunista, cuja influência começou logo a se fazer sentir em nossos meios operários, sacudindo o torpor então dominante.

Em fins de 1922, a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, sob a influência do PC, promovia uma série de reuniões com o fim de procurar um meio de atenuar a desorganização em que se encontravam os nossos sindicatos. Os anarco-sindicalistas, que na sua maioria haviam acompanhado a massa na sua dispersão, o que vale dizer, haviam abandonado o campo da luta contra a burguesia, retomaram os seus postos para a luta contra a influência dos comunistas, que preconizando meios consentâneos com a necessidade do momento, para a organização e unificação dos trabalhadores, ameaçavam a integridade do castelinho de cristal do anarquismo. Entrincheirados em uns dois ou três sindicatos, organizaram uma oposição feroz a tudo quanto não cheirasse anarquismo.

O resultado já se pode prever: enquanto a Federação dos Trabalhadores sustentava a necessidade da unificação em seu seio de todas as forças sindicais da região, os anarquistas, à testa da Construção Civil, dos sapateiros e de alguns sindicatinhos imaginários, vencidos pela maioria e não conforme com a derrota, for-

maram uma nova federação, a Federação Operária do Rio de Janeiro.

O movimento operário até então impotente em virtude da sua desorganização, mais enfraquecido ficou com esta cisão.

## 2.<sup>a</sup> TENTATIVA

Continuaram as coisas neste pé, sem alternativas, até novembro de 23, data em que o confusionista Sarandy Raposo, presidente da Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira, convocou os presidentes e representantes das associações operárias para uma série de reuniões de entendimentos. Nós, os comunistas, embora arrostando os perigos próprios dos entendimentos com elementos da espécie de Sarandy, tipo acabado de confusionista servil do patronato, não hesitamos em fazer aderir, às aludidas reuniões, os sindicatos sob nossa direção, tanto mais que não tememos a quebra dos nossos princípios porque eles não são de louça, como os princípios anarquistas, mas são de ferro.

Depois de uma série de reuniões efetuadas durante dois meses seguidos, constatamos que o móvel de toda aquela encenação do presidente da Confederação, outro não era senão o de balancear as nossas forças e estudar ao mesmo tempo as possibilidades de uma aproximação da qual pudesse ele tirar qualquer partido que o ajudasse na sua grande ambição de poder impor-se ao governo e ao patronato com um ativo de serviços que no caso seria um operariado domesticado e portanto mais facilmente tosquiável pelos capitalistas.

Côncios das responsabilidades que nos pesavam, rebatemos esta pretensão dimensionando ao mesmo tempo para que quando mais não fosse, surgisse daquelas reuniões um entendimento concreto e honesto entre os sindicatos não confederados, uma vez que o presidente da Confederação, vendo fracassar os seus planos, ensaiava uma espécie de dança de rato, simulando ver tudo às mil maravilhas mas evitando o menor contato com as suas "massas".

Mais uma vez os anarco-sindicalistas revelaram os seus propósitos sabotadores. Ou boicotavam as reuniões, não comparecendo a elas, ou sabotando os trabalhos quando eles compareciam.

Resultado: embora aparentemente houvesse divergências entre o confusionista Sarandy e os anarco-sindicalistas, houve de fato, entre um e outros a mais perfeita identidade de esforços cujo resultado foi o fracasso das negociações.

## 3.<sup>a</sup> TENTATIVA

Impulsionada ainda pelos comunistas, promoveu a Federação Operária do Estado do Rio uma reunião dos sindicatos do Distrito Federal e do E. do Rio, com o fim de se estudar a palpitante questão da nossa unidade sindical. O fim desta terceira tentativa ainda não podemos vaticinar. A julgar, porém, pela atitude, tanto dos anarco-sindicalistas como dos amarelos que compareceram à mesma reunião, é de prever que mais uma vez os interesses do proletariado sejam postergados, a menos que os elementos são do nosso meio associativo reajam a tempo contra os desmandos e as atitudes dissolventes desses inimigos dos trabalhadores.

Estamos certos de que assim será.

Estamos dispostos a marchar para a realização da unificação dos trabalhadores, a despeito de todos os obstáculos, nem que tenhamos que trabalhar sozinhos.

Apelamos, pois, para a classe operária para que acompanhe de perto os resultados deste movimento, nele integrando-se porque, mais uma vez repetimos: contra a centralização do capitalismo que nos explora e nos oprime, só a centralização das nossas forças, não só num plano político, fortalecendo cada vez mais seu partido de classe.

Quem não trabalha para esse desideratum só poderá ser considerado o que realmente é: traidor dos interesses da classe trabalhadora. (Transcrito de CLASSE OPERÁRIA, 1.<sup>o</sup> de maio de 1926.)